

AFETIVIDADE E A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Josiani Molina¹
Samuel Schnorr²

RESUMO: Nesta pesquisa destaca-se a questão da afetividade, como determinante no processo de ensino e aprendizagem, principalmente nas séries iniciais. O principal objetivo desta pesquisa é analisar a importância da afetividade na relação professor-aluno no processo de ensino e aprendizagem, tendo como principais referenciais Piaget, Vygotsky e Rubem Alves. Para sustentar o trabalho foi realizada uma investigação em uma escola municipal de ensino fundamental da cidade de Pelotas/RS, onde foram entrevistados alunos para tentar entender como os fatores afetivos se apresentam na relação professor-aluno e a sua influência no processo de ensino e aprendizagem. Considera-se que ensinar e aprender são processos potentes em experiências emotivas e cognitivas, além de essencialmente humano, marcado por afetos. Os vínculos afetivos possibilitam a transformação do desejo de aprender em conhecimento, a didática e a postura utilizada pelo educador são consideradas fundamentais nesse processo.

Palavras-chave: Ensino e aprendizagem. Afetividade. Relação professor-aluno.

AFFECTIVITY AND RELATIONSHIP TEACHER-STUDENT IN THE PROCESS OF TEACHING AND LEARNING

ABSTRACT: This research highlights the question of affectivity, as a determinant in the process of teaching and learning, especially in the early grades. The main objective of this research is to analyze the importance of affectivity in the teacher-student relationship in the process of teaching and learning, the main reference Piaget, Vygotsky and Rubem Alves. To support the work, an investigation was conducted in a primary school of public school in the city of Pelotas / RS, where they were interviewed students to try to understand how affective factors present in the teacher-student relationship and its influence in the teaching process and learning. It is considered that teaching and learning are powerful processes in emotional and cognitive experiences, and essentially human, marked by affection. The emotional bonds enable the transformation of desire to learn in knowledge, didactic and posture used by the educator are considered essential in this process.

Keywords: teaching and learning. Affection. Teacher-student relationship.

Introdução

¹ Pedagoga e especialista em Psicopedagogia, Coordenadora Pedagógica na Escola Municipal Jacob Brod – RS, josy.molina@hotmail.com

² Mestre e Doutorando em Educação, Universidade de São Paulo (USP), schnorr_m@yahoo.com.br

O presente artigo fundamenta-se no referencial teórico de Piaget, Vygotsky, Freire, e Rubem Alves. Desse modo, amplia as discussões sobre o processo de aprendizagem, especificamente a afetividade inserida nesse processo, partindo da premissa que a criança, ao entrar para escola, já carrega um repertório de experiências e, nesse novo espaço, ainda serão agregadas tantas outras. Logo, o aluno não está vazio de conhecimentos e tampouco o professor teria a função de preenchê-lo com uma ciência dita superiora. O estudante já é portador de vários saberes, cabe a escola valorizar e resgatar, tendo-os como ponto de partida em direção a novas experiências.

Partindo disso, foi investigado o papel da afetividade no processo de aprendizagem, a partir das questões: de que modo esse processo ocorre na interação professor-aluno? Como a postura do professor interfere nessa relação? Afetividade e inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, embora tenham funções bem definidas e diferenciadas entre si, são interdependentes em seu desenvolvimento, permitindo à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados. É incontestável, de acordo com o referencial teórico adotado, que o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência. De acordo com Vasconcellos (2009), sem afeto haveria menos interesse, necessidade, motivação, e conseqüentemente, perguntas ou problemas não seriam colocados, enfraquecendo o processo de aprendizagem.

A afetividade, portanto, é uma condição necessária na constituição da inteligência, de acordo com o referencial teórico. Daí a importância de o professor despojar-se do papel tradicional e assumir a postura de um educador, almejando construir com seu aluno uma relação que favoreça a motivação, o interesse e a curiosidade, pois assim formaria condições mais próprias para aprendizagem. Portanto, o principal objetivo desta pesquisa é analisar a importância da afetividade na relação professor-aluno no processo de ensino e aprendizagem.

Realizou-se uma investigação de campo em uma escola municipal de ensino fundamental para corroborar e demonstrar as afirmações e discussões realizadas nesta investigação. A qual levantou dados empíricos a respeito de como os fatores afetivos se apresentam na relação professor-aluno e a sua influência no processo de ensino e aprendizagem. Considerando que ensinar e aprender são processos potentes em experiências emotivas e cognitivas, além de essencialmente humano, marcado por afetos.

Desse modo, analisa-se os vínculos afetivos como facilitadores da transformação do desejo de aprender em conhecimento e, portanto, a didática e a postura utilizada pelo educador assegurariam o processo cognitivo. A formação dos vínculos estabelecidos na relação professor-aluno garantiria um sucesso maior na aprendizagem dos alunos. Nesse sentido, a visão humanista e libertadora é essencial ao processo educacional, o qual deve caminhar para a construção de um ser humano que procure uma sociedade igualitária e fraterna.

A próxima seção discutirá o ensino e aprendizagem, tendo como principais referenciais Piaget e Vygotsky. Na tentativa de movimentar e ampliar o escopo teórico utilizado nesta pesquisa, Paulo Freire e Rubem Alves servirão como substrato para as discussões, aqui exploradas, sobre a afetividade, ainda que os dois primeiros autores citados possuam contribuições potentes para pensar a afetividade e sua função na aprendizagem.

O processo de ensino e aprendizagem

Tudo o que é aprendido pelo indivíduo não é imóvel ou que não possa se alterar, visto que as pessoas estão sempre aprendendo em movimentos constantes. Uma

aprendizagem leva a outra, numa dinâmica permanente. Por vezes se confunde aprendizagem com aquisição de conhecimentos. A aprendizagem tem um sentido muito mais amplo, pois significa a própria mudança que vai se operando no sujeito aprendente por meio das experiências. Como o homem interage em diversos ambientes, a aprendizagem também ocorre em diferentes situações e espaços. Assim, existem aprendizagens que acontecem em contextos informais, aquelas que não foram planejadas, objetivadas, mas acontecem devido a situações que surgem e impactam a própria vida.

Para Piaget (1977), o conhecimento não pode ser uma cópia, visto que é sempre uma relação entre sujeito e objeto, as crianças não pensam como adultos e constroem o seu próprio aprendizado. Para analisar o conceito de aprendizagem, o autor propõe sua discussão a partir de dois critérios: sentido estrito e sentido amplo. No primeiro, aprendizagem é todo resultado adquirido pela ação do sujeito, em função da experiência, quer física ou lógico-matemática. Já no segundo, considera-se a que decorre da união das aprendizagens estrito e das equilíbrições (PIAGET, 1977) realizadas pelo sujeito. Nesse sentido, a aprendizagem procede das compreensões graduais (não imediatas), permitindo que sejam alcançados novos resultados em termos de coordenações das ações ou de estruturas, isto é, novos patamares de reflexionamento, de acordo com Piaget (1977).

Na proposta piagetiana, além da experiência, a aprendizagem está vinculada à possibilidade de o sujeito conservar aquilo que já adquiriu e de criar o novo, pois os dois polos de aprendizagem são a conservação das estruturas existentes e seu enriquecimento segundo as necessidades de adaptação (INHELDER *et al.* 1977). A interação sujeito-objeto é um processo no qual se pode caracterizar dois momentos complementares: a ação de transformação do objeto, por parte do sujeito (assimilação) e a ação de transformação do sujeito sobre si próprio (acomodação).

A aprendizagem é um processo dinâmico no ser humano que se estrutura e se reestrutura continuamente, é uma mudança que leva a outras, tanto pessoais como no meio em que o sujeito atua. O que é realizado no mundo está baseado, em grande parte, na aprendizagem. “É, pois, pela aprendizagem que o homem se afirma, como ser racional, forma sua personalidade, se prepara para assumir o papel que lhe cabe no seio da sociedade” (CAMPOS, 1986, p. 16). Toda e qualquer aprendizagem, informação, conhecimento ou aprendizagem de emoções e sentimentos são importantes para a vida porque levam o indivíduo ao sentido de adequação e participação no meio em que está inserido.

A aprendizagem é a progressiva mudança do comportamento e está ligado à novas situações e o esforço do indivíduo para enfrentá-las de maneira eficiente. Para Negrine (1994), a rotulação das aprendizagens como cognitivas, afetivas e psicomotora esvazia-se no momento em que se aprofunda o entendimento do ser humano como um ser total. Para que se possa entender como este ser humano aprende não podemos fragmentar o conhecimento, o qual precisa ser estudado na sua totalidade.

De acordo com Papalia (2006), na teoria sociocultural de Vygotsky, as crianças aprendem por meio da interação social. Elas adquirem habilidades cognitivas como parte de sua indução a um modo de vida. As atividades compartilhadas ajudam as crianças a internalizar os modos de pensamento e comportamento da sociedade e a torná-los seus. A criança carece de um adulto para orientá-la, dirigi-la, organizar sua aprendizagem até que ela possa construir, aprender e internalizar seu aprendizado. Segundo o autor, o homem é um ser que se forma em contato com seus pares, ou seja, se não houverem outros indivíduos, a sua formação é incompleta. A formação se dá entre o sujeito e a sociedade ao seu redor, o homem modifica o ambiente e é modificado por este.

Nessa perspectiva, é o aprendizado que possibilita e movimenta o processo de

desenvolvimento: “o aprendizado pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam” (VYGOTSKY, 1994, p. 99). Apenas as funções psicológicas elementares se caracterizam como reflexos e só se formam pelo aprendizado, por meio do raciocínio, consciência e discernimento, além disso, são as funções superiores que diferenciam os humanos de outros animais.

A relação entre desenvolvimento e aprendizagem ocupa um lugar de destaque na obra de Vygotsky (1994), embora o aprendizado da criança se inicie muito antes dela frequentar a escola, o aprendizado escolar introduz elementos novos no seu desenvolvimento. O autor identifica dois níveis de desenvolvimento: um se refere às conquistas já efetivadas, que ele chama de nível de desenvolvimento real ou efetivo, e o outro, o nível de desenvolvimento potencial, que se relaciona às capacidades em vias de serem construídas. O desenvolvimento potencial é determinado por aquilo que a criança ainda não domina, mas é capaz de realizar, com o auxílio de alguém mais experiente. Na zona de desenvolvimento proximal a distância entre o desenvolvimento real e aquilo que ela tem o potencial de aprender é o caminho entre o que a criança consegue fazer sozinha e o que ela está perto de conseguir fazer sozinha.

Para Vygotsky (1994), a estrutura e o funcionamento do cérebro, passam por mudanças no curso do desenvolvimento do indivíduo, devido a interação do homem com o meio físico e social. O cérebro é entendido como um sistema aberto de grande plasticidade e é por meio da aprendizagem que o homem muda e transforma o seu meio. Segundo Freire (*apud* MISUKAMI, 1986, p. 86) “o homem é o sujeito da educação e, apesar de uma grande ênfase no sujeito, evidencia uma tendência interacionista” já que a interação homem-mundo e sujeito-objeto é imprescindível para que o ser humano se desenvolva e se torne sujeito de sua *práxis*.

A teoria da aprendizagem social, segundo Papalia (2006), sustenta que as crianças aprendem comportamentos sociais pela observação e imitação de modelos. As pessoas se desenvolvem em um contexto social, sendo a aprendizagem humana mais complexa do que simples condicionamentos. Para autora as crianças aprendem por imitação e observação, as pessoas não aprendem porque são condicionadas e sim, pela interação social. Aprendizagem é a progressiva mudança do comportamento de um ser humano face a distintas situações e isso leva a repetidos esforços para confrontar essas inovações de maneira eficiente.

Com a linguagem a criança considera real o seu desejo, com isso ela é motivada a prolongar uma experiência, lembrança, começando a sonhar, imaginar e combinar. Quanto maior for o número de novas situações, maior é a probabilidade de a criança produzir uma quantidade comparativamente maior de novas respostas. Portanto, há continuamente aprendizagem de novos comportamentos ou modificações de comportamento em toda parte, frente ao mundo e aos sujeitos que fazem parte dessa sociedade, tanto de forma sistemática como assistemática. Logo, a motivação é um componente inerente ao ser humano.

O papel da afetividade

A educação não tem como objetivo somente atingir metas, transmitir conhecimentos, mas também alcançar a alma e vida das crianças, desenvolvendo com prazer a busca do conhecimento. Para haver educação, não é possível agir na base do “piloto automático”, como afirma Vasconcellos:

O fato de o professor estar inteiro em sala de aula – tanto quanto possível – favorece o despertar do aluno; a sua inteireza ajuda a constituir a do outro. Estando presente, disponível, poderá sair de si, observar os alunos e assim captar suas necessidades, a dinâmica do coletivo, e melhor interagir (VASCONCELLOS, 2009, p. 223).

Como a aprendizagem não é um ato mecânico, e sim, ativo e voluntário, o educador obrigatoriamente deverá levar em conta o seu educando, com seus saberes, necessidades, história, dificuldades, fraquezas e potencialidades, o que necessitará sensibilidade, diálogo, cuidado, carinho e atenção. Por isso, pode-se dizer que o papel do professor é essencial à sociedade atualmente. Ser docente torna-se um grande desafio para os dias de hoje, onde cada vez menos investe-se em educação, tanto em termos salariais quanto em formação pedagógica. Realmente é necessário, por parte do professor, muita clareza e conscientização de sua tarefa enquanto educador, como defende Saltini:

Devemos buscar uma educação compromissada com a formação de pessoas livres, amorosas, íntegras, onde conhecer é pensar, é inventar e não ser somente repetidor daquilo que escutam (SALTINI, 2002, p. 35).

Não se pode mais reproduzir aquela velha prática jesuítica onde o professor é o dono do conhecimento, o detentor do saber, e o aluno é um mero recipiente onde o professor deposita tudo aquilo que entende ser necessário, fazendo-o decorar para mais tarde ser avaliado e, conseqüentemente, esquecido. O educador não deve supostamente ser o dono do conhecimento, apresentando-os como verdades absolutas, sem relacioná-los a realidade do aluno. O educador deve sim ser o organizador da aprendizagem. É necessário e urgente romper com essa prática ultrapassada e ineficaz, historicamente comprovada a qual Freire chama de educação bancária:

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julga nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro (FREIRE, 1994, p. 33).

A educação libertadora e problematizadora, por outro lado, parte do pressuposto de que a criança é um todo, e todos os níveis de desenvolvimento são importantes, como o cognitivo, o psicomotor e o afetivo. Porém, nesta pesquisa destaca-se a questão da afetividade, como determinante no processo de ensino e aprendizagem, principalmente nas séries iniciais. Seu desenvolvimento começa no nascimento, pois o bebê, devido a sua fragilidade e dependência, mobiliza adultos para que administrem seus cuidados básicos. Essa relação inicial, onde as pessoas se moldam totalmente às necessidades da criança, é sinalizadora de uma situação de dependência absoluta (VYGOTSKY, 1994).

Quanto à dimensão social, por exemplo, uma pessoa não consegue se desenvolver sem o outro. Não há como viver sem relações, por mais difíceis que sejam. É necessário

preparar o educando para conviver com o diferente, isto é, com o fato de que não somos todos iguais, vivemos em uma sociedade plural. Valores como solidariedade, companheirismo, respeito mútuo e amizade, são valores os quais devem ser constantes numa sala de aula. Solidariedade é troca, é um participar da história do outro, mas, para que tudo isso aconteça, é importante que aconteçam relações de afeto em sala de aula.

O conhecimento precisa, também, vir carregado, encharcado de afeto, sem este há menos interesse e motivação, conseqüentemente dificultará a aprendizagem. Arduamente alguém aprenderá algo se for tratado como objeto, desconsiderando suas emoções e sentimentos.

A minha abertura ao querer bem significa a minha disponibilidade à alegria de viver. Justa alegria de viver, que, assumida plenamente, não permite que me transforme num ser “adocicado” nem tampouco num ser arestoso e amargo. É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido (FREIRE, 1996, p. 53).

A atividade que envolve tanto o educador quanto o educando deve ser uma ação alegre, prazerosa, de quem caminha junto e buscam novos conhecimentos. Esse gosto de querer bem é que faz dos educadores verdadeiros profissionais, superando desafios e obstáculos em prol ensinar e aprender de modo significativo. O respeito nessa relação professor-aluno é imprescindível.

O docente que inferioriza o estudante não o deixando expor suas opiniões, incertezas e questionamentos, está desfavorecendo o seu processo de aprendizagem. O educador deve ouvir seus alunos, suas indagações e estar pronto para assumir a tarefa de orientar e formar o educando para enfrentar a vida e a sociedade. Caso contrário, essa ação demonstra um autoritarismo que minimiza ou exclui totalmente a liberdade e a autonomia do educando ser cidadão. O educador deve ter claro e nítido, em sua prática, que todo aluno tem direitos e devem ser respeitados, sem qualquer forma de preconceito, superioridade ou discriminação.

O ponto de equilíbrio para que a criança se sinta segura, em qualquer situação de sua vida, é o prazer, a satisfação de sentir-se capaz e amada. Isto vale para a aprendizagem das coisas mais simples às mais complexas. A criança deve ser levada a sério em suas opiniões e escolhas, tendo o direito de errar, começar de novo, investigar, descobrir e experimentar (ALVES, 1999). O educador que chama o aluno pelo nome, que repara no corte do seu cabelo, num detalhe novo que está usando, quebra barreiras, fertilizando o terreno da amizade e da afetividade que estabelecerá com seu educando.

Pesquisa empírica

A pesquisa desenvolvida é de abordagem qualitativa, na qual o pesquisador procura aprofundar sua compreensão dos fenômenos que estuda, interpretando-os segundo a perspectiva da situação enfocada, sem se ocupar com representatividades numéricas, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito (NEVES, 1996). Este trabalho foi realizado em uma escola pública da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, onde foram entrevistados dez alunos do ensino fundamental, com idade entre dez e

quatorze anos. Optou-se por desenvolver a pesquisa nesta escola, pois é onde uma das pesquisadoras atua como professora, sendo que os alunos foram selecionados de forma aleatória pela coordenação pedagógica.

A intenção, a partir das entrevistas, é registrar e levantar dados (NEVES, 1996), acerca da temática desta pesquisa que trata da afetividade no processo de ensino e aprendizagem. Além disso, percepções, conceitos e demandas serão levantadas ao ouvir o que os alunos têm a dizer a partir das questões elaboradas, acreditando na potência de escutar o outro para entender esses processos na relação professor-aluno.

A entrevista ocorreu em conversas individuais, onde foram feitas cinco perguntas para cada um dos participantes. A seguir, serão descritas as questões aplicadas e logo abaixo as respostas dadas por cada aluno. Optou-se por reproduzir todas as respostas em sequência, na tentativa de dar continuidade ao pensamento e concretude dos ditos e escritos que ocorreram, nas análises serão retomadas falas pontuais dos alunos tramando aos conceitos e teorias desenvolvidos neste trabalho.

Para privacidade das professoras, citadas pelos entrevistados, serão utilizados pseudônimos ao invés dos nomes verdadeiros, pela mesma razão os nomes dos alunos não serão mencionados. Posteriormente, será feita a análise dos dados encontrados tramando à teoria discutida neste trabalho, discorrendo acerca das teses defendidas na pesquisa.

As cinco questões:

1. De todas as professoras que tiveste, qual te traz melhores lembranças? Por quê? 2. Qual disciplina tens mais facilidade em aprender? Por quê? 3. Qual disciplina tens mais dificuldade em aprender? Por quê? 4. De qual disciplina gostas mais? Por quê? 5. Tens algum professor que não consegue te ensinar, um professor com o qual tens dificuldade em aprender?

Abaixo seguem as respostas relativas à primeira questão:

- _ “Professora Vavá, do 4º ano e agora do 5º ano. Porque ela nos educa com gestos divertidos, com brincadeiras. Gosto muito dela.”
- _ “Professora Sisa, ela me deu aula na 2ª série. Eu gostava dela e ela gostava de mim. Tudo que ela me pedia eu fazia. Ela era boazinha.”
- _ “Professora Bela, ela me deu aula na 3ª série. Ela era muito boa professora, me acompanhava com a minha mãe. Eu e ela era amiga.”
- _ “Professora Maria, porque ela era legal, brincava com a gente, se divertia.”
- _ “Professora Verinha, porque ela era muito simpática, te ajudava em tudo sabe?”
- _ “Lulu, como eu gostava dela! Ela era muito amiga minha. Ah, ela era muito divertida!”
- _ “Sim, a professora Lala, porque ela me ajudou muito em Português, eu ia rodar de ano, mas daí, ela conversou comigo e me ajudou.”
- _ “Tinha a professora Zazá, ela era muito brincalhona e eu aprendia fácil com ela. Ela fazia jogos depois que dava a matéria.”
- _ “Tive uma que me marcou, porque dava bastante conselho e procurava sempre me ajudar”.
- _ “Lembro da professora Nina, ela explicava bem a matéria e gostava de mim”.

Respostas referentes à segunda questão:

- _ “Tenho mais facilidade em Português, porque eu acho interessante, presto atenção nas aulas e gosto da professora.”
- _ “Gosto mais de matemática, por isso eu acho que aprendo melhor.”

- _ “Acho que história, porque são coisas do tempo antigo. Eu gosto de estudar o passado e a minha professora é ótima. Eu gosto dela.”
- _ “Matemática porque eu me acostumei com a matéria fácil. Eu gosto.”
- _ “Português porque eu sei responder as perguntas.”
- _ “Matemática porque a professora só passa continhas, é fácil.”
- _ “Matemática porque eu gosto de números e tenho interesse em resolver problemas.”
- _ “História, porque eu gosto.”
- _ “Matemática, porque eu gosto, acho fácil.”
- _ “Acho que história, porque a professora é minha amiga.”

Abaixo as respostas à terceira questão:

- _ “Tenho mais dificuldade em história, pois acho difícil, tem muitos detalhes.”
- _ “Em Português, por causa dos textos, não entendo, sou ruim em ler, não gosto de ler e nem daqueles verbos que eu não consigo decorar.”
- _ “Em Português porque tem aqueles verbos, são muito difícil, e tem aquelas coisas de classe gramatical que a gente não entende. Acho difícil.”
- _ “Matemática porque eu acabo esquecendo, meu cérebro tá noutra mundo. Difícil porque eu não entendo.”
- _ “Em Ciências porque é muita coisa, tem que decorar tudo aquilo, não gosto.”
- _ “Português porque é mais difícil, tem verbos, pontuações. Ah, o problema é que eu não gosto de ler. Sei que tá errado.”
- _ “Em Matemática. Não sou muito boa nesse negócio de cálculo e a professora explica muito rápido, eu não consigo entender.”
- _ “Em Geografia, porque tem muito mapa e a professora é gritona e estúpida.”
- _ “Tenho dificuldade em Português porque não gosto de ler.”
- _ “Tenho muita dificuldade em Geografia porque não gosto do jeito como ela explica, ela é brava.”

As respostas oferecidas à quarta questão foram as seguintes:

- _ “Gosto mais de artes porque é mais divertido e colorido.”
- _ “De ciências, porque a professora dá uma boa aula, uma matéria que boa e que é importante pra nossa vida.”
- _ “Educação Física, porque a professora confia na gente e libera a gente pra rua.” Ela faz um acordo com a gente, sabe? Se a gente fica quieto, ela deixa a gente fazer atividades livres.”
- _ “Estudos Sociais, porque é bom saber as coisas que já aconteceram as coisas de outros planetas.”
- _ “Gosto mais de Português, a aula da professora é divertida e ela ensina direitinho.”
- _ “Educação Física porque é uma matéria fácil, a gente corre, faz um monte de atividades, jogos.”
- _ “De Matemática porque eu gosto de fazer contas.”
- _ “De música porque eu gosto música, tenho interesse em instrumentos e gosto de pesquisar as músicas estrangeiras.”
- _ “Espanhol porque eu acho uma língua diferente, é interessante.”
- Gosto mais de Educação Física porque a professora deixa a gente fazer brincadeiras no pátio, é divertido.”

Respostas à quinta questão:

- “Sim, tive a professora Pity, ela não ajudava a gente, tava sempre mandando calar a boca, mexendo no celular e dando castigos. Ela tirava o recreio se a gente conversasse. Não podia conversar, nem ir ao banheiro.”
- “Sim, a professora de Geografia, porque quando eu pergunto ela é estúpida, por isso tenho dificuldade.”
- “Não.”
- “Em Espanhol, porque o professor fica só falando da vida dele e não dá a matéria. Como a gente vai aprender?”
- “Já tive uma professora que não me ajudava, nem me ouvia. Não sei se ela gostava de mim.”
- “Sim, a professora de Geografia. Ela grita muito e qualquer coisa ela fica brava.”
- “Já tive porque ela só gritava, não sabia explicar, eu não conseguia aprender.”
- “Tenho, a professora de Geografia, parece que ela não gosta de ensinar, é muito séria.”
- “Acho que não tive.”
- “Tenho a professora Dedé, acho ela arrogante.”

A afetividade nos processos de ensino e aprendizagem na relação professor-aluno

Nesse ínterim, a partir das respostas dos alunos realiza-se a trama entre os dados encontrados com as teorias anteriormente apresentadas. Busca-se neste momento dar concretude ao objetivo desta pesquisa: analisar a importância da afetividade na relação professor-aluno no processo de ensino e aprendizagem.

As respostas dos alunos à primeira questão confirmam as teorias defendidas por Serrat (2007), Alves (2004) e Freire (1996) que fala da importância do afeto nas relações professor-aluno. O professor que tiver um olhar humano, integral e afetuoso para com seu aluno, certamente deixará boas lembranças em sua vida, marcando-o positivamente, bem como facilitando sua aprendizagem. A afetividade é a porta de entrada para outras aprendizagens. Como diz um dos alunos entrevistados: “eu gostava dela e ela gostava de mim”. Ou seja, a relação de afeto estabelecida entre esse educador e seu educando marcou-o profundamente. Como diz Rubem Alves: “Tudo começa com um ato de amor” (1999, p. 24). O professor que ignorar essa dimensão fundamental do ato de aprender, estará marcando seus alunos de maneira negativa, deixando profundas sequelas, as quais poderão se manifestar mais tarde, em forma de indisciplina, de resistência em frequentar a escola ou até mesmo em bloqueios psíquicos.

A convivência entre os seres humanos não é algo tão tranquilo e harmonioso, pois cada um possui suas ideias, seu jeito de ser, seus medos, suas angústias, seus afetos e desafetos. Cada aluno traz para sala de aula suas experiências de vida, seus saberes e uma realidade completamente diferente do cotidiano escolar, conforme referencial adotado nesta pesquisa. Porém, é nesse contexto que se concretizará o ato de aprender, tanto por parte do aluno, como por parte do professor, uma vez que ambos participam dessa experiência, ora como ensinante, ora como aprendiz (VYGOTSKY, 1994). Para que esse processo tenha êxito, é fundamental o vínculo afetivo estabelecido nessa relação, ou seja, de amizade, de diálogo, respeito e parceria. Dependendo como for, poderá favorecer ou até mesmo impedir que a aprendizagem se concretize, conforme demonstrado nas falas dos alunos.

O professor precisa preocupar-se com o aluno como um todo, não só em relação aos conteúdos sistematizados, mas com o dito conteúdo oculto, o qual irá prepará-lo para a vida. Assim sendo, o professor assume o papel de verdadeiro educador e o aluno de

educando, sujeito de sua aprendizagem. Percebe-se, atualmente, uma grande parcela dos professores têm dificuldade em dar aula, fazer o aluno concentrar-se, entender o conteúdo e manter a disciplina em sala de aula, conseqüentemente em exercer sua autonomia, o que é verificado pela fala dos alunos entrevistados.

Conforme as experiências vivenciadas, os docentes estão despreparados para dar a si mesmo orientações existenciais, muito em função de sua jornada de trabalho. Grande parte desses problemas estão vinculados ao tipo de relação que o professor estabelece com seu aluno e a metodologia aplicada. Por um lado, temos o aluno, sedento por novas experiências, de outro, a escola tradicional, que não responde as expectativas deste aluno. Uma escola que mais se parece com uma gaiola (ALVES, 2004), aprisionando e moldando mentes e emoções, encarcerando seres que apenas queriam novas informações e conhecimentos para aprumar suas “asas” e, enfim, poder galgar novos voos em direção a concretização dos seus sonhos.

No que concerne a segunda, terceira e quarta questões, percebe-se uma relação clara entre facilidade e/ou dificuldade de aprender, e qual disciplina se gosta mais. Os alunos manifestaram que gostam mais e têm mais facilidade em aprender naquelas disciplinas em que se tem mais interesse, em que a professora é amiga, em que se percebe como divertida e prazerosa, em que a professora ensina conteúdos direcionados para a vida, em que a professora deixa os alunos com certa liberdade, faz acordos e em que há uma relação mútua de confiança.

Por outro lado, a dificuldade está presente quando não gostam da professora, quando ela grita, é autoritária e brava, quando ela não é divertida e adota práticas de ensino que promovem a “decoreba”, quando impede os alunos de realizar atividades que eles apreciam, como conversar em momentos apropriados, quando os alunos são obrigados a realizar atividades que repugnam, como ler em demasia, e quando os estudantes são punidos através da privação do recreio.

Quando se fala nos problemas da educação, muitos profissionais pensam que se resolve apenas com melhorias nos laboratórios, nas salas de aula, nos materiais pedagógicos, nas quadras esportivas – as políticas educacionais muitas vezes indicam isso, esquecendo que, a questão afetiva e emocional do ser humano pode interferir tanto positivamente como negativamente no processo de ensino e aprendizagem. De fato, percebe-se uma sensação de desorientação dentre os professores, que podem entender de computador, de programas, de tecnologia, normas e regras, mas, muitas vezes, não sabem quem realmente é ou o porquê de serem docentes.

“O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor, uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho” (ALVES, 1999, p. 24). A escola precisa humanizar-se mais, entender mais do ser humano e de amor, ser menos “conteudista” e mecanizada. A preocupação com o conhecimento deve existir, mas a ciência sozinha não consegue fazer homens sonharem ou desejarem coisas. A educação deve ser prazerosa para ser desejada.

A relação que o professor desenvolverá com seus alunos é fundamental no processo de aprendizagem, pois de acordo com Piaget (1996), os indivíduos apreendem também com as experiências que enfrentam no dia a dia, no contato com diferentes objetos. A afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois, embora desempenhem funções bem distintas, são interdependentes em seu desenvolvimento, permitindo à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados; a habilidade cognitiva absorve o conhecimento, o aluno com isso, trabalha de forma diferente, e com significado. Não é, portanto, um cognitivismo que ignora as outras dimensões da aprendizagem como a social e a emotiva, mas é a união de todas essas

dimensões, conforme referencial adota aqui, principalmente Vygotsky (1994).

Nas respostas obtidas nota-se claramente duas concepções, a primeira é a comportamentalista, conforme afirma Misukami (1986), em que o aluno é considerado um recipiente onde o professor deposita suas informações e a educação é intimamente ligada à transmissão cultural, onde o ensino e aprendizagem é feito a partir de condicionantes arbitrários e reforçadores. A segunda, confirma a visão sociocultural defendida por Paulo Freire (1994) e Vygotsky (1994), em que a postura de determinados professores tem de estar comprometida com o seu aluno e com o processo de aprendizagem, postura de acordos, diálogos e com demonstração de afeto, que ensina coisas da vida que interessam ao aluno. É um professor preocupado em fazer uma aula divertida e prazerosa, que entende o papel histórico e social que a educação possui.

As respostas para a última questão ilustram as afirmações desta pesquisa relacionando diretamente a aprendizagem e a relação afetiva entre professor e aluno. Fica evidente, neste caso, que a dificuldade do aluno em aprender determinados conteúdos está diretamente ligada ao seu relacionamento com o professor. Como aprender com alguém que não se aprecia, com alguém que no lugar do diálogo impõe o grito, a arrogância, e reage com estupidez às perguntas dos alunos?

Para se obter interesse é preciso que se tenha motivação. Costuma-se responsabilizar a motivação, ou sua falta, pela facilidade de o aluno aprender ou ausência de aprendizagem. Quando o aluno não gosta de uma disciplina, sua tendência é não querer aprender nada a respeito, mas ao contrário, se este for motivado a aprender, sua opinião mudará. Para aprender e ensinar é necessário ter motivação, tanto por parte dos alunos como dos professores. Sabe-se o quanto é difícil e desafiador falar de motivação, quando a maioria dos professores não recebem o que têm por direito e quando enfrentam péssimas condições de trabalho. É na superação desses limites, que tanto o professor quanto o aluno devem trilhar o caminho da busca de comunhão uns com os outros. É nessa busca que ambos se realizam, encontrando energias para melhorar cada vez mais a prática pedagógica.

A escola como um todo necessita repensar sua prática, pois pode ser um lugar de curiosidades e descobertas e não de um programa previamente estruturado com conteúdos elaborados fora da realidade da criança. “Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar” (ALVES, 2004, p. 29-31).

Nesse viés é fundamental que exista afetividade, entretanto, muitos professores têm dificuldade em estabelecer esta relação, pois temem perder o respeito dos seus alunos, tornando-os seus amigos. Na verdade, a relação de amizade entre aluno e professor pode ser favorável, pois os alunos o acolherão muito melhor, inclusive gostando da sua disciplina. Porém, como seria essa relação afetiva?

O afeto designa o conjunto de atos ou de atitudes como a bondade, a benevolência, a inclinação, a devoção, a proteção, o apego, a gratidão, a ternura etc., que, no seu todo podem ser caracterizados como a situação em que esta responde, positivamente, aos cuidados ou à preocupação que foi objeto (SERRAT, 2007, p. 38).

De fato, os alunos sentem necessidade de serem compreendidos, ajudados, amados e até muitas vezes ouvidos. O educador deve ter esse olhar para com seu educando, conhecer sua interioridade afetiva, a necessidade de rir, chorar, sofrer, agredir e buscar

constantemente compreender-se e entender o mundo que o cerca, bem como seu papel na escola.

Quando a escola trata seus alunos numa relação formal e vertical, está comportando-se como gaiola. Negando uma das dimensões fundamentais no processo de aprendizagem, ou seja, a afetividade, a qual abre caminhos tanto para a aproximação do outro, como para a busca de novos voos (ALVES, 2004).

Em muitos momentos, nos comentários dos alunos, destacaram-se o desejo, o prazer em realizar as atividades, reação que está diretamente ligada à postura do professor e o tipo de atividade planejada. A postura do professor interfere diretamente no gostar e no interesse ou não do aluno por determinada disciplina. O professor precisa entender um dos seus principais objetivos na profissão, ou seja, contribuir com a formação de alunos, sujeitos da sua própria história e construtores de um mundo melhor. A relação professor-aluno precisa ser horizontal, não hierarquizada, de confiança e parceria, permeada pela paciência e benevolência. É importante para cada criança perceber, sentir, no olhar do professor que ela é bem-vinda, que aprender é bom.

Para tanto é fundamental que o professor tenha o entendimento e a consciência do seu papel enquanto educador e construtor do conhecimento, bem como a clareza da praticidade daquilo que constrói com o seu aluno. Estar inteiro significa que o professor se preocupa com seus alunos, entendendo que seu papel não é de um mero transmissor de conhecimentos, mas de um educador comprometido com o pleno desenvolvimento do seu educando, ajudando-o no crescimento enquanto cidadão consciente, crítico e sujeito de sua aprendizagem.

A escola precisa repensar seu papel, responder perguntas que parecem óbvias, como: o que ensinar? Por quê? Para quem? Considerando a vida em uma sociedade de classes e que todo conhecimento é portador de uma ideologia, pergunta-se: estamos trabalhando para a manutenção de uma sociedade de classes, desigual e injusta, ou, ao contrário, estamos formando pessoas livres, críticas, conscientes dos seus direitos e deveres, capazes de intervir no seu cotidiano, com atitudes que levem a uma mudança social?

Enquanto o educador não repensar seu papel, a razão de ser da educação, estaremos sempre reforçando a manutenção da sociedade vigente, forjando seres adaptados e ajustados ao meio, enchendo seus “depósitos” de coisas sem muito sentido, e menos desenvolvendo no educando a consciência crítica de que resultaria sua inserção no mundo, como sujeitos transformadores.

Ao contrário da “bancária”, a educação problematizadora e libertadora. Aceitar e reproduzir cada vez menos o ato de depositar, narrar, transferir, transmitir conhecimentos e valores aos educandos, meros pacientes (FREIRE, 1994, p. 39). Assim, é possível afirmar que o conhecimento, em suas relações humanísticas, é muito complexo. Demanda uma noção de educação articulada com a vida. Não basta conhecer por conhecer, mas sim conhecer para se perceber no mundo e com o mundo enquanto sujeito histórico-social, capaz de fazer escolhas e intervir no próprio processo de aprendizagem.

Todo conhecimento começa com um sonho, o pensamento faz viver o que não existe (ALVES, 2002). Conhecer significa, então, recriar na mente, o que faltou no mundo concreto. O afeto, sem dúvida, desempenha um papel essencial no desenvolvimento da inteligência, podendo representar uma aceleração no desenvolvimento das estruturas cognitivas ou um retardamento da formação das mesmas. Aceleração no caso de interesse, retardamento quando o afetivo se torna um obstáculo para o desenvolvimento da inteligência.

Considerações finais

Na tentativa de responder as questões de pesquisa – de que modo a afetividade intervém na aprendizagem e na interação professor-aluno? Como a postura do professor interfere nessa relação? – procura-se, neste momento, tecer considerações a partir dos resultados da investigação. As relações afetivas que o aluno estabelece com seus professores são de grande valor na educação, pois a afetividade é uma das principais bases das reações da pessoa diante da vida, perpassando as aquisições cognitivas. A relação entre educador e educando depende, fundamentalmente, do ambiente estabelecido pelo primeiro, da relação de empatia para com seu aluno, da sua capacidade de escutar, de dialogar, de seduzir e de se alegrar com sua tarefa.

Com certeza as relações entre as pessoas não são sempre permeadas pela tranquilidade e harmonia, pois os fenômenos afetivos referem-se também aos estados de medo, tristeza, ansiedade e até de raiva, todas essas emoções e sentimentos fazem parte das relações intersociais. Por isso, o professor deve ter clareza de sua função e da importância de sua postura física e verbal, ele pode tanto estar colaborando para o fracasso escolar, quanto para o seu sucesso.

É possível defender que a afetividade está presente em todas as decisões assumidas pelo professor em sala de aula, produzindo continuamente impactos positivos ou negativos na subjetividade dos alunos. Coloca-se a afetividade como fator construtivo nas relações que se estabelecem entre os educandos e os conteúdos escolares. A qualidade da mediação pedagógica é um dos principais determinantes da qualidade dos vínculos que se estabelecerão entre os educandos e os conteúdos escolares.

Os planejamentos de aulas precisam considerar os possíveis impactos afetivos que, inevitavelmente, essas condições produzem nos alunos. Afastar-se de escolas “gaiolas”, onde o aluno é encarcerado, engaiolado, juntamente com seus anseios, curiosidades e sonhos. Precisa-se, urgentemente, de escolas “asas”, um ambiente escolar absolutamente comprometido com o crescimento do educando enquanto sujeito histórico e social.

A primeira tarefa do educador, portanto, é seduzir o aluno para o fascínio do seu objeto (PIAGET, 1986), porque se ele não for seduzido não terá vontade de aprender. Nesse sentido, a motivação por parte do professor e sua tática pedagógica serão decisivos. A inteligência precisa ser despertada e ela só desperta se aguçada pelo desconhecido e pela curiosidade. Se aquilo que o professor mostrar for monótono e chato a inteligência tende a continuar adormecida. Não aprendemos com qualquer um, e sim com aquele a quem estabelecemos um laço de confiança e companheirismo, conforme o referencial desta pesquisa.

A escola deve buscar educar para as mudanças, para a autonomia, para a liberdade, trabalhando e resgatando o lado positivo dos alunos e para a formação de um cidadão consciente de seus deveres e de suas responsabilidades sociais, capaz de interferir na construção de uma sociedade mais justa, humana e igual para todos.

Referências

ALVES, Rubem. *Gaiolas ou Asas*. São Paulo: Edições ASA, 2004.

ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência. O dilema da educação*. São Paulo: Loyola, 1999.

- ALVES, Rubem. *Por uma educação romântica*. Campinas: Papirus, 2002.
- CAMPOS, Dinah Martins de Souza. *Psicologia da aprendizagem*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- INHELDER, Barbel; BOVET, Magali e SINCLAIR, Hermine. *Aprendizagem e estruturas do conhecimento*. São Paulo: Saraiva, 1977.
- MISUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo; EPU, 1986.
- NEGRINE, Airton. *Aprendizagem e desenvolvimento infantil: perspectivas psicopedagógicas*. Porto Alegre: Prodil, 1994.
- NEVES, J. L. *Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades*. USP São Paulo, Brasil. V.1, Nº 3, 2º SEM./1996.
- PAPALIA, Diane E. *Desenvolvimento humano*. 8.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- PIAGET, Jean. *O desenvolvimento do pensamento: equilíbrio das estruturas cognitivas*. Lisboa: Dom Quixote, 1977.
- PIAGET, Jean. *A linguagem e o pensamento da criança*. 4.ed. São Paulo: LTDA, 1986.
- SALTINI, Claudio J.P. *Afetividade e inteligência: a emoção na educação*. 4. Ed. DP&A, 2002.
- SERRAT, Fernando Monte. *Emoção, afeto e amor*. São Paulo: Academia de Inteligência, 2007.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Indisciplina e disciplina escolar: fundamentos para o trabalho docente*. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2009.
- VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.